

EDUARDA DE SEGOVIA E ROCHA PIMENTEL

**A ESPIRITUALIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA AÇÃO EDUCATIVA:**

**Em prol de uma Cultura de Paz.**

SÃO PAULO

2010

EDUARDA DE SEGOVIA E ROCHA PIMENTEL

**A ESPIRITUALIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA AÇÃO EDUCATIVA:**

**Em prol de uma Cultura de Paz.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vitória Helena Cunha Espósito – Grupo de Pesquisa Educação e Produção do Conhecimento – Cátedra Joel Martins – e co-orientação da Prof.<sup>a</sup> Suzana Filizola Brasiliense Carneiro.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2010

PIMENTEL, Eduarda de Segovia e Rocha.

A Espiritualidade e sua influência na ação educativa. Em prol de uma Cultura de Paz. Eduarda de Segovia e Rocha Pimentel.

Trabalho de Conclusão de Curso –PUC – São Paulo, 2010.

1. Espiritualidade
2. Influência
3. Afetividade
4. Cultura de Paz

EDUARDA DE SEGOVIA E ROCHA PIMENTEL

**A ESPIRITUALIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA AÇÃO EDUCATIVA:**

**Em prol de uma Cultura de Paz.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Aprovado em 29/11/2010.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Vitória Helena Cunha Espósito

Prof.<sup>a</sup> Suzana Filizola Brasiliense Carneiro

Prof.<sup>a</sup> Maristela Ross de Castro Gasonato

## DEDICATÓRIA

Aos meus pequenos e amados alunos.  
Que foram fontes de inspiração, motivação e aprendizado diário.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Vitória Espósito da Cunha, pelas sábias palavras e inesquecíveis lições.

À Edy Segovia, minha avó amada, sem ela não seria possível me formar como Educadora. É para ela que ofereço toda a minha dedicação.

À Márcia Segovia, minha admirada mãe, fonte de inspiração, amor e carinho.

Aos meus queridos primos, fonte da verdadeira felicidade.

Às minhas amigas Carolina Gil, Marília Amarante e Paula Guerra, sempre presentes em minha vida, mesmo quando eu ainda não sabia da minha vocação.

Às minhas amigas da Faculdade de Educação, responsáveis também por conseguir me graduar nesta área.

Às diretoras Carla e Deyse, da escola Tiny People, que me deram a oportunidade de amadurecer como educadora, sempre apoiando os momentos difíceis e colaborando para o meu sucesso pessoal e profissional.

Às minhas amigas do trabalho, que me ajudaram neste ano de muita responsabilidade.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida e deixaram palavras de afeto, apoio e amizade. Que não cansaram de ouvir minhas histórias dos meus amados alunos.

## CITAÇÃO:

*'Há, na ciência de todos os tempos, duas ordens de empenhos contraditórios que, completando-se, contribuem para o progresso: o esforço em busca de expansão e enriquecimento de nosso saber individual, e o empenho em alcançar a unidade sistemática do conhecimento.*

*Tem esse desenvolvimento um fim? Nós, os pesquisadores de hoje, já não cremos. Toda teoria contém verdade para nós, somente no sentido de que uma parábola ou uma comparação pode conter a verdade. Entretanto, nem mesmo neste sentido se pode penetrar até às últimas verdades; sempre nos resta a consciência de que cada geração de investigadores do conhecimento do verdadeiro e do real vai mais adiante que seus predecessores. Neste sentido queremos nos comprazer na obra de nossos pais, e de nossa parte, fazer maiores esforços para ir adiante, confiantes na força dos que virão depois de nós'.*

*Albert Einstein, 1931.*

## RESUMO

Essa pesquisa objetiva compreender como a dimensão Espiritual se expressa na prática do professora e interfere nas ações educativas realizadas por ela com um grupo de crianças de três anos. Considera que o ato de educar consiste em um processo de transformação e troca envolvendo aquele que aprende e aquela que ensina. O referencial teórico-filosófico utilizado contempla o pensamento de Edith Stein e Rudolf Steiner ao entender a vivência espiritual da educadora ligada ao intelecto e a vontade e ao identificar no aluno potencial intrínseco que será despertado pelas influências externas ou não. A pesquisa indica que a postura da professora ainda que de forma não intencional afeta o desenvolvimento do grupo. Mostra ainda a importância da reflexão docente – ao buscar uma coerência entre ação e dimensão Espiritual - favorece uma sintonia positiva entre o grupo como um todo. Constatou-se que o bem estar do educador favorece a construção de uma Cultura de Paz.

**Palavras-chave: Afetividade, Cultura de Paz, Espiritualidade, Influência.**

## **ABSTRACT**

This research aims to understand how the spiritual dimension expresses itself in the teacher practice and interferes on his/her educational actions with a 3 year old group of children. It considers that the act of educating consists of a transformation and exchanging process involving the one who learns and the one who teaches. The theoretical and philosophical referential includes the thoughts of Edith Stein and Rudolf Steiner to comprehend the spiritual experiences of the educator connected to the intellect and the will, and to identify in the student the potential that will be awakened or not by external influences. The research indicates that the teachers' posture even in a non intentional way affects the group development. It also shows the importance of the teachers' reflection to search for coherence between the action and spiritual dimension and to indulge a positive tune among the group as a whole. It was found that the well being of the educator favors the construction of a peace culture.

**Key-words: Affectivity, Peace Culture, Spirituality, Influence.**

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTO

CITAÇÃO

Introdução ..... 01

Capítulo 1

A espiritualidade .....08

Capítulo 2

Educar..... 12

Capítulo 3

A Afetividade..... 15

Capítulo 4

Retomando o começo de tudo..... 17

Capítulo 5

Informações Básicas.....20

Capítulo 6

O aluno Pedro.....	22
Capítulo 7	
Registros pessoais.....	24
Capítulo 8	
Análise interpretativa da rotina.....	33
Capítulo 9	
Minhas reflexões.....	36
Capítulo 10	
Minha formação espiritual em prática.....	39
Capítulo 11	
Entrevistas.....	41
Capítulo 12	
Considerações Finais .....	43
Referências.....	45

**INTRODUÇÃO.**

A escolha do meu tema para este Trabalho de Conclusão de Curso foi feita com base em toda a experiência vivenciada desde meus doze anos em relação ao desenvolvimento da minha Espiritualidade.

Fui criada por uma família sem tradição religiosa e desde criança, através dos estudos elaborados por minha mãe - grande pesquisadora na área de antropologia- obtive contato com filosofias diferentes que procuravam abordar sempre a evolução do SER durante sua vida na Terra.

Aos doze anos de idade fui encaminhada à Catequese, ritual da Igreja Católica, para iniciar meus estudos sobre Espiritualidade. Nesta mesma situação me deparei com uma verdade a qual não concordava, apesar da pouca referência não conseguia aceitar certos julgamentos e com isso fui aos poucos me desiludindo.

O curso, que tem duração de um ano, tornou-se um fardo e em três meses já queria desistir, comecei a faltar as aulas e após um curto período fui comunicada pela coordenadora responsável que não poderia mais prosseguir com meus estudos, pois não estava preparada para receber Deus e que minha atitude era inadmissível para aquela filosofia.

Como este comunicado foi feito por telefone e mesmo assim deixado em minha secretária eletrônica, no dia da aula me encaminhei até o local normalmente e quando estava sentada na sala de aula fui avisada sobre esse detalhe. No mesmo instante fiquei chateada, mas questionando-me quem era ela para dizer se minha fé e crença eram verdadeiras ou não e mais, quais eram os motivos que a levavam crer que eu não estava preparada para receber a Deus.

Enfim, com uma conversa calma e embutida de esperança pedi uma nova chance para provar que estava preparada sim para seguir meus estudos. Observando minha sinceridade, a coordenadora permitiu que eu prosseguisse desde que provasse meu empenho.

Assim, me comprometi e comecei a freqüentar missas, reuniões e palestras promovidas pela paróquia e toda aula a partir dessa mudança até ao final do curso me mostrei muito participava e questionadora. Continuei desacreditando, duvidando e questionando certas verdades absolutas, mas mesmo assim continuei, afinal não poderia julgar uma filosofia tão concreta e importante na história da humanidade.

Ao final daquele ano me formei com mérito, fui motivo de orgulho para as professoras e para própria coordenadora, que a cada semana comemorava minha dedicação. Participei de rituais com os quais não me identificava e me forçava a ir para ganhar conhecimento suficiente para formar uma opinião duradoura. Terminei o curso e com a mente mais esclarecida e experiências vividas dentro da filosofia, me senti mais apta a não segui- lá, já que havia ganhado argumentos para explicar minha oposição.

Minha trajetória dentro da educação começou desde quatorze anos de idade quando me inscrevi como voluntária em um projeto social para dar aulas de reforço para crianças carentes entre sete e oito anos de idade, o *'Projeto Esperança'*.

Tal experiência despertou sentimentos de gratidão e carinho que foram reforçados ao longo dos meses nos quais me dediquei em prol desta causa. Verificar e acompanhar o progresso das crianças foi sem dúvida algo enriquecedor para o meu aprimoramento como ser humano e cidadã paulistana. Pude vivenciar a realidade daqueles pequenos que era diferente da minha e aprendi com eles o verdadeiro sentido de esperança, doação e do que era ter Fé e amar.

Cada encontro era composto de surpresas boas e ruins, as crianças chegavam de uma semana de experiências difíceis como a falta de sono, comida ou até mesmo banho. Lá sabiam que iam receber alimentos para suprir as necessidades e com sorrisos estampados nos rostos cantavam alegremente o dia todo que passavam lá.

Entravam em sala de aula dispostas e acreditando que o dia seria ótimo e suficiente para recarregar as energias e enfrentar a dura realidade da semana seguinte.

No começo achei que minha disponibilidade não faria a diferença, mas aos poucos fui percebendo a confiança que os pequenos depositavam em mim, a forma como me abordavam ou recorriam era a concretização da minha incerteza. Eles aprenderam a me amar e respeitar e sem dúvida tais sentimentos eram correspondidos por mim também.

Como professora voluntária, pude aprender muito o sentido de amar alguém e querer ajudá-lo não importe o que custar, além de incorporar a responsabilidade de ser responsável por uma parte do desenvolvimento de um ser humano tão inocente.

Dois anos depois, eu já com dezesseis anos, fui encaminhada pela minha querida mãe a *Igreja Messiânica Mundial do Brasil*. Lá aprofundi o entendimento sobre a composição do ser humano, o porquê das afinidades, como ser utilizada para transformar o nosso meio e acima de tudo tive a oportunidade de fazer uma análise e entender quem sou eu de verdade e dessa forma lidar melhor com as situações nas quais era colocada.

Tendo como referência o histórico de pesquisadora da minha mãe, decidi me dedicar aos estudos da Messiânica, sem me fechar as outras possibilidades que foram surgindo, cheguei a freqüentar estudos sobre a Cabala e freqüentar Centros Espíritas.

Porém, me identifiquei muito com a filosofia proposta e desta maneira fui me aprofundando cada vez mais nas práticas Messiânicas, até que encontrei no setor educacional uma inspiração para minha carreira. Nele comecei a entender qual deveria ser

o papel do educador, como ele deveria olhar seus alunos e o que fazer para preparar abordagens significativas e transformadoras.

Aos dezessete anos, assumi o setor da minha unidade e junto com especialistas em educação estudei e tracei estratégias para executar uma educação diferenciada das que já existiam dentro das escolas públicas. O *'Planeta Azul'*, foi à concretização dos aprimoramentos deste setor e através de personagens infantis temas como a gratidão, respeito e solidariedade eram expostos as crianças.

Durante quatro anos, fui diariamente utilizada como instrumento para transmitir e despertar nas pessoas que estavam a minha volta o espírito altruísta e o de busca. Amigos de infância e até mesmo as amigas da faculdade notaram uma grande mudança na minha postura e recorreram a mim para desabafar ou pedir conselhos, nunca fiquei confortável com tal situação, mas não tinha como evitar, não faz parte da minha personalidade negar ajuda a quem confia em mim para ajudar.

Sempre pratiquei ouvir mais do que falar e algo que aprendi foi falar sem julgar ou sequer condicionar. Nestas situações mostrava sutilmente que todos os problemas e desafios poderiam ser encarados de uma maneira mais positiva e que isso faria toda a diferença na solução dos mesmos.

Aos dezenove anos, assumi como responsável do grupo jovem na minha unidade da Igreja Messiânica e foi um desafio enorme, sob minha responsabilidade havia jovens com idade entre vinte e cinco e trinta anos que paravam para escutar minhas orientações e me ajudar a executar abordagens e eventos que eu juntamente a minha responsável programávamos.

Esta fase foi marcada também pelo início da minha carreira em escolas particulares de São Paulo. Iniciei meu primeiro estágio e com entusiasmo e vontade de aprender realizei minhas responsabilidades e deveres com as turmas com que ficava. Foi uma época muito

importante, tive a oportunidade de observar diferentes práticas pedagógicas e acompanhar o desenvolvimento dos pequenos por mais de dois anos.

Para mim, tal experiência tornou-se ainda mais significativa no âmbito pessoal, a partir dela dúvidas, questionamentos e idéias começaram a surgir com mais frequência, pois toda a minha trajetória com a educação até aquele momento era muito diferente da que eu vivia dentro daquela escola.

Valores que eu achava ser essenciais e primordiais não eram considerados e isso acabou mexendo demais comigo. Continuei a trilhar dentro da filosofia Messiânica, cada vez mais engajada e envolvida com projetos educacionais e como estagiária comecei a definir o tipo de educadora que gostaria de me tornar, sem apontar se o que faziam era o correto ou não.

Esse período de autoconhecimento é por mim considerado crucial, pois, permitiu que eu me conhecesse melhor e amadurecesse mais como ser humano. Além de me mostrarem algo que levarei comigo para sempre, a partir dos conflitos é que nascem novas concepções e paradigmas se você os encarar de forma que agreguem e não afastem. E foi exatamente o que me aconteceu.

Acredito que tais oportunidades que me foram dadas serviram de aprimoramento e que muitas outras ainda estão por vir, que somente me conhecendo e sabendo dos meus limites e necessidades é que será possível eu criar e suscitar uma possível transformação no meio em que estou inserida.

Estou em um processo de construção tanto de identidade pessoal como identidade profissional e não estou perto de concluir esses eixos, mas vou agregando cada nova experiência e lapidando o meu ser, praticando valores nos quais acredito e buscando melhores opções para a minha prática.

Hoje, após quatro anos de faculdade e de práticas educacionais, agreguei e entrei em contato com diversas cadeias de pensamentos, valores e filosofias, me sinto segura para exercer aquilo que acredito e venho fazendo isso.

O ato de educar é entendido por mim, como o ato de amar, sem julgar e com a intenção de despertar no ser humano o melhor que ele tem a oferecer para o mundo, suscitando e valorizando suas características e mostrando que não existe uma única forma de agir, pensar.

O presente tema, *'A Espiritualidade e sua influência na identidade profissional do educador'*, surgiu das minhas experiências religiosas e profissionais, atribuo também a educação recebida em casa e a faculdade que foram locais onde tive a liberdade de explorar o desconhecido sem receber qualquer tipo de restrição.

Minha jornada até aqui é fruto de todas as situações que vivenciei e minhas certezas sobre o meu mundo vida também. Pesquisar e estudar como alguém pode influenciar o outro é uma forma de reconhecer que também fui influenciada para chegar às conclusões que cheguei e despertar a consciência dos educadores para a importância do equilíbrio entre a identidade pessoal e profissional, pois esse ponto é delicado demais e possui um poder grande sobre a nossa postura diária.

Essa oportunidade que estou tendo de aprofundar e exercer um estudo no que acredito é enriquecedor e concretiza uma etapa que se iniciou há sete anos, onde eu duvidava poder transformar e hoje tenho certeza que só depende de mim, aceitar que como ser humano já influencia naturalmente os que estão a minha volta e, por tanto, preciso prestar atenção como minhas ações estão sendo transmitidas e incorporadas pelos demais.

**CAPÍTULO I – A ESPIRITUALIDADE****CONCEPÇÕES PESSOAIS.**

Por milhares de anos, grandes pesquisadores, escritores, religiosos e filósofos vêm buscando através de pesquisas e experimentos atingir uma definição do que é a Espiritualidade. Cada qual no seu segmento, seja no âmbito religioso ou não, encontra e compreende a resposta, que satisfaz suas dúvidas, de acordo com a própria interpretação pessoal.

As respostas encontradas dessa área trazem um cunho pessoal de cada autor e por isso são convergentes, pois apresentam alguns fundamentos em comum.

Nesse sentido, eu, como pesquisadora iniciante, procurei na literatura respostas que suprissem meus questionamentos sobre o tema. Nestes estudos busquei a partir das minhas vivências delinear a forma como interpreto o acontecer da Espiritualidade.

Sinto que, minha experiência na filosofia Messiânica enriqueceu a minha prática espiritual, imersa aos estudos desta, - que pretendiam explicar a visão de espiritualidade praticada pelos membros – me deparei com conceitos os quais julguei absolutos, pelo tempo o qual permaneci naquele local.

Ao fazer o curso de teologia Messiânica, constatei que a concepção pregada pela entidade era proveniente de outras concepções geradas antes da fundação desta filosofia. Assim, valores e conceitos de outras religiões como o Budismo, Xintoísmo e até mesmo da religião Católica, foram utilizados na construção da visão de Espiritualidade pela Igreja Messiânica.

Nesses anos, como membro desta entidade, entendi a Espiritualidade como uma força vinda de Deus e enraizada em nosso corpo. Nossa missão, como seres humanos, era então, expandir tal energia para todos os outros os seres com os quais entrássemos em contato por meio de boas ações, ensinamentos religiosos e valorização da oração.

Hoje, dois anos após a minha desvinculação com esta filosofia, por motivos pessoais, não julgo ser equivocada ou errada tal concepção, porém o meu entendimento sobre essa temática mudou muito, bem como a minha prática.

Conforme fui me desenvolvendo intelectualmente por meio de leituras tanto religiosas como filosóficas, verifiquei a necessidade que o ser humano tem de achar uma única e exclusiva resposta, detentora absoluta da verdade, para as coisas que mais lhe afligem.

Eu, não muito diferente dessa categoria insaciável por respostas, acabei me deparando com um movimento recursivo, onde não existe uma única resposta para a eterna dúvida do que era e como deveria exercer a Espiritualidade.

Graças a uma palestra ministrada por um admirado teólogo, Jorge Bulhões, algo despertou em mim e vi que uma só concepção não era suficiente para acalmar todas minhas dúvidas e que quanto mais eu me fechasse a uma única interpretação, mais insatisfeita eu ficaria e a probabilidade de me decepcionar seria maior.

O palestrante muito direto e sucinto disse que era preciso encontrar dentro de nós mesmos qual era a interpretação pessoal que tínhamos frente à vida, fé e religião. Pois só dessa forma é que conseguiríamos traçar o caminho mais puro para praticar o altruísmo e fazermos a diferença na vida do próximo.

Diante desse desafio pessoal, estudei autores como *Rudolf Steiner*, *Edith Stein*, *C. G Jung*, *Fritojf Capra*, que ajudaram, por meio de suas obras, a construir a minha própria

interpretação do tema. Através de citações e colocações afinidades foram geradas com as interpretações desses autores.

Mais flexível, comecei a traçar uma linha de raciocínio onde novas teorias, conceitos e valores fossem entendidos como complementares e que pudessem agregar as concepções já elaboradas por mim.

Dentre diversas definições encontradas, particularmente, gosto muito da interpretação feita pela Organização Mundial de Saúde em 1998, onde diz o seguinte:

“Espiritualidade é o conjunto de todas as emoções e convicções de natureza não material que pressupõem que há mais no viver do que se pode ser percebido ou plenamente compreendido, remetendo o indivíduo a questões como o significado e o sentido da vida, não necessariamente a partir de uma crença ou prática religiosa”.

Hoje, considero ter uma visão mais esclarecida do que diz respeito à Espiritualidade, não a entendendo como absoluta ou concluída, mas sim, em eterno processo de construção.

A Espiritualidade é por mim entendida como um conjunto de conteúdos responsáveis para dar sentido existencial e unidade à vida. Compreendida também, como um processo de reflexão, reconciliação e expressão do indivíduo e provida de aspectos práticos e concretos. Não sendo necessariamente vinculada a alguma concepção religiosa.

Todos nós seres humanos, somos dotados dessa dimensão, que pode ser trabalhada pelo indivíduo quando este possui uma experiência religiosa ou pelos estudos filosóficos que é capaz de fazer. Cabe a formação obtida por ele ao longo de sua vida delinear o trajeto que irá percorrer.

Esse aspecto, quando aprimorado continuamente, enriquece as demais dimensões que compõem o ser (sociais, cognitivas, biológicas e afetivas), além de influenciar no comportamento do mesmo em sua vida cotidiana.

Quanto maior for à consciência do indivíduo sobre si mesmo, mais perto da interpretação, pessoal, sobre a totalidade da existência ele chegará, o que trará uma satisfação as suas inquietações sobre os motivos pelos quais as coisas acontecem a sua volta.

Nesta pesquisa que proponho, a dimensão Espiritual é considerada fator relevante na postura do educador, se considerada, por ele, existente. Acredita-se que tal dimensão, indiretamente, influencia o grupo de educandos que esta sob sua responsabilidade, sendo suas atitudes, palavras e posturas transmissoras dos valores e crenças fundamentadas em sua identidade

**CAPÍTULO II – EDUCAR****CONCEPÇÕES PESSOAIS.**

O homem pratica o ato de educar a muitos anos pelo simples fato de estar em contato com o outro. Pela necessidade, vêm transmitindo seus saberes de geração em geração.

A princípio, a questão da sobrevivência era um dos principais argumentos para educar os indivíduos, afinal, como manter o desenvolvimento sustentável de uma sociedade senão ensinando condutas e tarefas básicas aos seus membros para o bom e futuro funcionamento da mesma?

Com o tempo, foram incorporados outros tipos de saberes neste ato, como os geográficos, biológicos, históricos. Enfim, educar ganhou uma dimensão maior, tornando-se responsável também pela transmissão intelectual entre os indivíduos.

Por mais que as pessoas tenham agregado outros significados ao longo dos anos - ao ato este nunca deixou de ser praticado com o intuito de estimular o progresso dos indivíduos, da mesma forma em que nunca deixou de acontecer, mesmo não sendo planejado.

O que mudou foi à interpretação dada ao ato de educar. Com a evolução da sociedade, conceitos foram criados para definir o que antes era feito espontaneamente - e não tinha uma nomenclatura. Assim como, serviu de pretexto para condicionar e controlar toda uma nação.

Ao passar das gerações, educar ganhou uma conduta mais restrita e formal. Passou a ser entendida como algo diretamente ligada a Educação, interpretado como processo de desenvolvimento das capacidades físicas, moral e intelectual dos seres humanos. As

antigas compreensões de que educar ocorria também por meio da espontaneidade foram esquecidas ou desmerecidas frente a tantas metodologias criadas.

Particularmente, eu acredito que o processo de formação do ser humano acontece na soma entre o ato de educar e a formalidade exigida pela educação, onde situações devem ser previamente planejadas e providas de objetivos.

Nesta intencionalidade, ao praticar o ato de educar devemos considerar que este ocorre mesmo quando não nos preparamos para tal finalidade. Educar é possível também pela postura, por meio de palavras e expressões espontâneas e não planejadas.

Como educadores estamos a todo o momento sendo avaliados e analisados pelas pessoas que estão sob nossa responsabilidade, elas depositam em nós desejos, sonhos, esperanças e nos entendem como modelos de sucesso a serem seguidos.

Com o passar dos anos nos esquecemos que durante a rotina diária escolar, situações inesperadas ocorrem. Diante do cansaço, da ansiedade e do stress, causados por motivos pessoais e profissionais, o nosso comportamento é afetado e nossas ações são atingidas por esses sentimentos, que nem sempre são positivos.

Devemos, por tanto, como profissionais, questionar e avaliar sempre a forma como nos apresentamos aos educandos, já que estes serão influenciados não só pela concepção educacional proposta, mas também pela postura que possuímos diante do inesperado.

Com isso, o ato de educar, simultâneo as mais diversas ações, é também afetado e influenciado pela dinâmica diária que nos cerca. Por sua vez, ao ser transmitido espontaneamente, nem sempre condiz a uma postura adequada ou aos valores nos quais acreditamos ou pelo menos dizemos acreditar.

Por tanto, educar é entrar em contato com o outro, transmitindo não só saberes formais ou informais, mas também valores e crenças, além de sabedoria de vida por meio de ações, palavras e comportamentos.

**CAPÍTULO III – A AFETIVIDADE****CONCEPÇÕES PESSOAIS.**

A afetividade é imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade dos seres humanos. Por meio dela, as emoções revelam-se como o elo entre o indivíduo e o ambiente físico, tanto quanto entre o indivíduo e outros indivíduos.

Estes laços se iniciam nos primeiros dias de vida e são fortalecidas ao longo dos anos. Este processo ocorre antes mesmo do raciocínio e da intenção e prevalece até o fim da vida.

Utilizo Henri Wallon e sua concepção sobre afetividade para a construção da minha linha de raciocínio. Para ele, a afetividade pode ser dividida em duas etapas, a orgânica- que ocorre nos primeiros dias de vida, manifestação das necessidades do bebe- e a etapa social – que ocorre em contato com o meio que o individuo está inserido e se intensifica ao longo dos anos-.

A afetividade é um substancial básico ao ser humano juntamente com a inteligência e formam um par indispensável na evolução psíquica, são interdependentes em seu desenvolvimento, permitindo ao educando atingir níveis de evolução cada vez mais elevados com o passar dos anos e acúmulos de vivências. Assim como a inteligência, ela não permanece imutável. As duas evoluem ao longo do desenvolvimento humano e se modificam de um período a outro.

O contato com o meio social permite o aprimoramento e movimento desse âmbito da personalidade humana, pois a influencia externa sobre os indivíduos acaba modificando as estruturas afetivas já existentes agregando maturidade.

Na presente pesquisa, foi considerado como principal foco de observação, a capacidade que as influências externas (no caso, do educador) têm de transformar as ações dos indivíduos pertencentes a um mesmo grupo (no caso, os alunos), uma vez que o elo afetivo nesse meio é forte.

O meio social da criança é capaz de propiciar alterações nas estruturas orgânicas e mais tarde as estruturas emocionais deles. Expostos a uma intensa relação entre educador-aluno e aluno-aluno é possível constatar que a forma como se dá a troca de experiência entre esses, dita as ações realizadas por cada um desse grupo.

Quando se trabalha com um grupo de crianças pequenas, observa-se a forte influência que o educador exerce sobre seu grupo, ainda por serem muito dependentes dessa figura madura, eles depositam uma confiança e admiração muito profunda na figura dele e absorvem espontaneamente os valores, princípios e crenças que os mesmos possuem.

Desta forma, o elo entre o profissional e educando se torna mais forte do que podemos mensurar. O educador é visto como alguém responsável por despertar as potencialidades dos seus alunos e cabe a ele por meio de exemplos concretos, além do planejamento regular de suas aulas, transmitir ao aluno essa segurança capaz de deixar fluir o seu potencial internalizado até o momento.

## **CAPÍTULO IV – RETOMANDO O COMEÇO DE TUDO**

Iniciei como professora assistente do grupo T3 em janeiro de 2010. Durante uma semana participei do planejamento semestral e anual e tive a oportunidade de aprofundar a relação com a professora titular do grupo, a <sup>1</sup> Lucia.

Esse momento de planejamento é considerado, por mim, crucial para a boa dinâmica que ocorreu após o início das aulas. Nesse período pudemos trocar experiências e aprender muito uma com a outra e uma sobre a outra.

Logo no primeiro dia aula, recebemos dois alunos novos na escola, totalizando assim nove crianças em sala de aula. Os outros setes alunos já estavam desde o ano anterior na escola <sup>2</sup> xy e estudando juntos, possuíam, por tanto, uma relação afetiva já estabelecida e intensa. É importante também destacar que a Lucia havia sido professora deles durante o ano de 2009 todo.

Na semana de adaptação da nova estrutura da turma, realizamos atividades recreativas e artísticas muito divertidas e que exigiram a participação de todo o grupo para sua concretização, estimulando, dessa forma, a cooperatividade e proporcionando momentos que reforçaram o elo entre alunos e professoras e alunos com alunos.

O grupo ficou composto então por cinco meninos e quatro meninas. Destes, sete tinham dois anos e dez/onze meses e os outros dois tinham dois anos completos recentemente. Mas constatei que essa aparente pouca diferença de idade traduzia uma maturidade maior.

A oralidade dos mais velhos era bastante desenvolvida, assim como seu desenvolvimento emocional. Sabiam exatamente expressar o que sentiam. Para mim foi

uma grande surpresa, pois até então minha experiência com tal faixa etária me mostrará uma realidade diferente dessa, crianças mais imaturas e inseguras.<sup>1</sup>

Nesse primeiro momento foi muito interessante observar como ocorreu a receptividade dos alunos mais velhos com os mais novos. Estes, com forte sentimento de responsabilidade, mostravam-se preocupados em mostrar os locais da escola ou explicar a rotina para os mais novos.

Muitas vezes, foi comum verificar, principalmente as meninas, explicando alguns combinados para os dois alunos novos. Estes eram sobre dividir os brinquedos, não gritar em sala de aula ou andar sozinhos pela escola.

Após esse período foi possível constatar uma segmentação do grupo. À medida que o tempo passou, as crianças - que já tinham incorporado a nova estrutura do grupo e reconheciam os dois alunos como parte integrante dele, começaram a excluí-los das brincadeiras espontâneas justificando que eram muito novos e não sabiam como brincar.

Essa fase começou a partir da terceira semana de aula e durou um mês. Tivemos que incentivar mais vezes brincadeiras em grupo para que todos pudessem reforçar o elo com os alunos novos.

Durante esse primeiro mês um dos alunos novos, o <sup>3</sup> Pedro, chamou bastante atenção de nós professoras. Primeiro por meio de seu comportamento desobediente e segundo pelas manifestações agressivas freqüentes.

Como estávamos em período de adaptação relevamos as suas atitudes, pois consideramos que por ser a primeira vez dele dentro de uma escola e por ter sua mãe trabalhando no mesmo ambiente – ela era professora assistente de outra turma- o

---

<sup>1</sup> Nome fictício da professora

<sup>2</sup> Nome fictício da escola.

<sup>3</sup> Nome fictício do aluno.

entendimento para assimilar as situações pessoais e escolares estava sendo difícil para ele ao mesmo tempo em que normal para nós professoras.

Durante esse período tivemos uma difícil adaptação com o aluno, que diversas vezes despertou sentimentos de cansaço, irritabilidade e impaciência por nossa parte.

Porém, dois meses depois o mesmo despertou em mim uma grande vontade de mudar a postura como profissional e foi a partir daí que tomei a decisão de utilizar este caso como inspiração para o meu trabalho de conclusão de curso.

Ao entender que este ser humano havia entrado em minha vida para sensibilizar e amadurecer o meu olhar sobre a profissão que resolvi seguir, não tive dúvidas que foi necessário uma experiência árdua para minha mudança como professora.

## **CAPÍTULO V- INFORMAÇÕES BÁSICAS**

### **PERÍODO DE ADAPTAÇÃO.**

A adaptação dentro da escola XY segue a seguinte orientação: agir gradativamente. Assim, a permanência no período escolar de quatro horas só ocorre uma semana, exata, após a entrada da criança na instituição e somente a partir do quarto dia a ausência do responsável dentro do ambiente é aceita.

Como educadoras somos instruídas a dividir, no primeiro dia de aula, o espaço com o responsável, orientando-o para transmitir aos pequenos que é a figura da professora referencia naquele local.

Assim, solicitar sempre à professora qualquer coisa ou comunicar uma situação. É possível nesse dia verificar responsáveis, profissionais e alunos dividindo brincadeiras e momentos juntos em prol da construção do elo entre professor-aluno.

No segundo dia, a permanência dos responsáveis no local continua, porém a orientação é que estes interajam menos com os pequenos, abrindo espaço para as educadoras se aproximarem.

No terceiro dia, os responsáveis não ficam mais no local, porém continuam no campo de visão das crianças. Promovendo segurança e confiança.

Já do quarto dia em diante, conversamos com as crianças que os responsáveis continuam na escola, porém em outra sala e caso eles sintam a necessidade de visitá-los poderemos levá-los até o local. Sempre, utilizando uma linguagem propicia para a faixa etária.

A permanência na escola aumenta uma hora por dia e atividades atrativas são preparadas para suscitar o interesse dos alunos novos. Como são duas professoras por sala, ficam sobre responsabilidade da assistente os alunos antigos e sob a responsabilidade da titular o reforço do vínculo com os alunos novos. Ressalta-se aqui que todas as crianças permanecem no mesmo ambiente. Ambas estimulam a interação entre elas.

**CAPÍTULO VI- O ALUNO PEDRO****OBSERVAÇÕES.**

O Pedro desde o início mostrou-se um menino agitado, e uma inteligência acentuada. Havia completado dois anos há um mês e já sabia decodificar letras e reconhecer números – até o 30 -. Possuía praxia fina bastante desenvolvida e praxia global não muito.

Por ele ser filho de funcionária, quem o acompanhou nesse processo de adaptação, foi o pai. A relação entre os dois, segundo a própria mãe, não era muito próxima, pois o pai não tinha paciência com o filho e era bastante rígido com ele.

Considero que para o Pedro o período de adaptação foi conturbado. A professora Lucia não conseguiu aproximar-se dele e tão pouco criar um vínculo de confiança e segurança. Seu pai, por diversas vezes saiu da sala de aula e sem comunicar ao pequeno ou professora, pouco falava com o filho quando permanecia a seu lado.

Foi possível presenciar gritos e agressões por parte da criança, que quando contrariado endurecia seu corpo e tremia, demonstrando sua insatisfação. Esse comportamento, a princípio, assustou as demais crianças e professoras, mas acabou sendo relevado frente ao histórico familiar deste.

O Pedro possuía uma energia interna muito grande e não conseguia ficar concentrado por mais de três minutos, sentia a necessidade de movimentar-se, andar pela sala ou mexer em alguma coisa.

Durante as rodas de boa tarde percebia-se sua impaciência para aquela situação, enquanto os amigos ficavam até trinta minutos entretidos com a proposta, ele sentava, levantava, girava e gritava.

## **CAPÍTULO VII- REGISTROS PESSOAIS**

### **FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE BORDO.**

O diário de bordo é instrumento utilizado pelos educadores que auxilia sua prática diária, servindo como apoio para anotações relevantes sobre sua rotina e acontecimentos marcantes da mesma. Mostra-se também como um instrumento de avaliação tanto pessoal como do grupo, já que permite uma reflexão sobre os acontecimentos anotados.

O meu diário de bordo foi muito importante para que eu pudesse perceber o desenvolvimento dos alunos e do grupo como um todo. Anotava mais ou menos de duas a três vezes por semana e utilizava este para anotar reuniões e encontros que achava fundamental para o meu aprendizado.

#### **Dia 3/02/10 – Quarta Feira.**

- Hoje as aulas começaram.
- Conheci os alunos e gostei muito do grupo.
- Nos demos bem e a Lucia me ajudou muito na aproximação com eles.
- Fizemos uma pintura coletiva com giz de cera e cola.
- Fomos ao parque e brincamos de pega-pega.

#### **Dia 6/02 – Sexta Feira.**

- Ontem conheci os dois novos alunos que chegaram à escola.

- São duas crianças mais novas que os outros.
- O pai do Pedro ficou bastante sério durante a permanência e não interagiu com o filho.
- Os alunos antigos ficaram empolgados com a novidade e fizeram muitas perguntas aos alunos novos.

#### **Dia 9/02 /- Terça Feira.**

- Hoje realizamos pela primeira vez a aula de música. Todo o grupo gostou bastante.
- Pedro gritou muito durante a roda de boa tarde.

#### **Dia 11/02 – Quinta Feira.**

- Os pais dos alunos novos não estão em sala mais.
- O Pedro foge da sala com grande frequência. Ele vai para a sala da mãe pedir colo.
- Os alunos começam a reclamar do barulho que o Pedro fazia. (Ele urrava do nada, aparentemente sem motivo algum)

#### **Dia 23/02 – Terça Feira.**

- A coordenadora entrou em sala para observar o comportamento do aluno Pedro.
- Eu e a Lucia fomos convocadas para uma reunião com ela e a Diretora pedagógica para daqui a uma semana.

#### **Dia 26/02 – Sexta Feira.**

- O Pedro faltou. A Mãe alegou que não conseguiu fazer com que ele saísse de casa, pois ele chorou muito e rasgou o uniforme. Perguntou se houve algo extraordinário.

### **Dia 2/03 – Terça Feira.**

- Pedro voltou à aula. Esta com machucado na cabeça. Mãe disse que caiu durante o fim de semana.

- As crianças não estão chamando nem o Pedro e nem a outra aluna nova para participar da brincadeira.

### **Reunião com a Coordenadora – 10/03 – Quarta Feira.**

- Devemos colocar para o Pedro que determinados comportamentos não são aceitos aqui na escola.

- Toda vez que ele tiver uma 'crise' do tipo: berros, ignorar e só falar com ele quando parar.

- Uma das professoras deve segurar o Pedro durante a roda para que ele assimile que esse momento é para ficar sentado e prestar atenção.

- Toda vez que ele sair correndo da sala para ver a mãe, colocá-lo sentado para pensar.

- Não insistir para que aconteça a socialização dele com as demais crianças, isso deve acontecer de forma natural.

- Toda vez que apresentar comportamento inadequado, reforçar para a sala como é que não se deve comportar.

- Fazer uma reunião com os pais para orientar para que em casa eles também não reforcem a 'manha' do Pedro.

#### **O que eu achei da reunião:**

- Não concordei com a rotulação colocada ao Pedro e muito menos com as posturas que fomos orientadas a seguir. Quero conversar com a Lucia antes de executar o combinado. Fiquei incomodada demais.

#### **Dia 17/03 – Quarta Feira**

- Ainda não consegui sentar com a Lucia para conversarmos sobre o Pedro.
- Não estamos praticando o orientado e muitas vezes estamos ignorando as manifestações dele que estão piores.
- O Pedro bateu a cabeça no chão de propósito durante uma crise.

#### **Dia 30/03 – Terça Feira.**

- Hoje a Coordenadora alegou estar cansada de ouvir as gritarias do Pedro e entrou em sala.
- Perguntou por que não estávamos seguindo as orientações. Não respondemos.
- Durante a roda ela o segurou entre as pernas e o menino fez xixi enquanto tentava se desvincular dela.
- Ele gritou muito mais do que o normal.

#### **Dia 14/04 – Quarta Feira.**

- Estou muito desanimada com a turma T3. Não conseguimos fazer com que o grupo permaneça unido e englobe o Pedro a rotina deles.

- Recado na agenda da outra aluna. Mãe questionou se estava acontecendo alguma coisa na escola, pois ela sentiu a filha muito 'agressiva' em casa.

- Aparentemente a pequena colocou a mão na boca do pai quando este não parou de falar quando ela pediu. Isso me lembrou do que a Lucia fez com o Pedro há uma semana. Será que tem algo a ver?

#### **Dia 27/04 - Terça Feira.**

- Hoje recebemos mais uma observação na agenda de outro aluno.

- O pai perguntou o que o Pedro anda fazendo na escola, pois seu filho fala todos os dias que o Pedro não sabe se comportar.

- Estou cansada.

#### **Dia 4/05 – Terça Feira.**

- Hoje solicitei uma reunião com a Lucia.

- Conteí que não estava me sentindo capaz de ajudar o Pedro e os demais alunos,

- Falei ainda que eu não concordava com as instruções da coordenadora.

- Coloquei para ela uma hipótese que me veio à cabeça. E se o Pedro for uma criança <sup>1</sup> Índigo?

- Ela se surpreendeu com esta colocação e disse que havia pensado nisso antes. Mas como não sabia da reação das superiores resolveu se calar.- Traçamos um

planejamento onde as intervenções com o Pedro serão baseadas no afeto. Daremos mais carinho, tocaremos mais nele e tentaremos entender suas manifestações.<sup>2</sup>

#### **Dia 12/05 – Quarta Feira.**

- Desde a semana passada estamos colocando o plano em prática.
- Agora quando abordamos o Pedro tocamos nele antes de falarmos algo.
- Estou dando mais beijos e abraços no pequeno.
- Ele está diminuindo as crises.

#### **Dia 21/05 – Sexta Feira.**

- As crises do Pedro estão diminuindo cada vez mais.
- Essa semana as crianças já o chamaram para brincar junto.
- Ele conseguiu participar de toda a roda do bom dia.
- Estou animada com essa mudança de postura.

---

<sup>2</sup> Criança Índigo é considerada aquela que apresenta um novo e incomum conjunto de atributos psicológicos e mostra um padrão de comportamento geralmente não documentado ainda. Existem as seguintes classificações: humanista, conceitual, artista e interdimensional. Geralmente são crianças sensíveis, de excessivo montante de energia, Resiste à autoridade se não for democraticamente orientada e Não conseguem ficar quietas ou sentadas, a menos que estejam envolvidas em alguma coisa do seu interesse. Fonte: Sintonia Saint Germain.

- Clima leve em sala de aula.

**Dia 27/05 – Quinta Feira.**

- Segunda o Pedro chegou à escola e foi recebido com abraços por outros dois alunos.

- Na terça feira ele foi convidado para brincar de pega-pega durante o parque e brincou.

- Ontem a mãe veio comunicar que em casa ele já diz o nome dos amigos de maneira carinhosa.

**Dia 10/06 – Quarta Feira.**

- Ontem a Lucia teve reunião individual com a mãe do Pedro. Disse que ao abordar o assunto das manifestações agressivas do menino ela desconversou e disse que não queria falar disso. Tentou falar sobre as conquistas e melhoras apresentadas pelo menino. Mesmo assim, a mãe recusou-se ouvir.

- Comunicou que iria tirar o menino da escola.

Estou triste com esta noticia.

**Dia 17/06 – Quinta Feira.**

- Hoje o Pedro chegou a escola com um machucado feio na testa. Mãe escreveu na agenda que ele caiu do sofá.

- Ele esteve bastante quieto durante o dia e pouco falou ou gritou. Ficou sozinho a maior parte do tempo.

**Dia 24/06 – Quinta Feira.**

- Hoje fomos comunicadas que esta será a última semana do Pedro na escola.
- Ele esteve mais próximo das crianças essa semana. Situação nova.
- Estou desapontada com a saída dele. Achei que iríamos continuar o trabalho.

**Dia 30/6 – Terça Feira – Último dia de aula.**

- O Pedro não veio esses dois dias e as crianças questionaram muito sua ausência.
- Passamos a focar mais nas outras crianças que ficaram sem muita assistência nesses últimos meses.
- Me sinto culpada por deixar os demais tão ‘desamparados’ e triste por não poder mais acompanhar o Pedro.

## **CAPÍTULO VIII- ANÁLISE INTERPRETATIVA DA ROTINA.**

Durante este semestre, tivemos um grande aprendizado em sala de aula. Todas as dinâmicas planejadas para suprir as exigências pedagógicas em sua maioria, não conseguiram ser cumpridas devido às surpresas causadas pelo comportamento do grupo e das professoras.

Ao longo desse tempo, muitas coisas foram deixadas de lado e durante os primeiros três meses todas as atividades foram programadas para o grupo de oito crianças separadamente do Pedro.

Ficou sob minha responsabilidade 'cuidar' do pequeno em todas as ocasiões. A professora Lucia estava grávida e não podia correr o risco de machucar o bebe durante uma crise, por isso, delegou a minha pessoa conter e contornar as situações promovidas por ele.

O projeto do semestre: "Circus", foi elaborado para contemplar seis etapas onde as crianças deveriam conhecer os personagens principais desse universo. De seis personagens, conseguimos introduzir apenas três e mesmo assim, não aprofundamos suas possibilidades. O tema havia despertado o interesse dos pequenos, mas por não conseguirmos manter uma rotina, foi difícil traçar uma linha de raciocínio.

As aulas de psicomotricidade foram pouco exploradas. Muitas vezes as propostas não supriam a necessidade do grupo como um todo. Por causa da impaciência do Pedro a professora Lucia optou por não planejar aulas nessa área, pois causavam desconforto e irritabilidade de todos e perdíamos o controle da classe.

Por outro lado, as aulas de música acalmavam o pequeno, o deixando entretido e aumentando sua concentração. Ele demonstrava gostar muito de manusear os instrumentos e a professora de música sempre foi muito carinhosa com ele que retribuía o afeto.

As artes plásticas sempre foram muito apreciadas pelas crianças e nossa rotina contemplava diariamente essa área, mas quando as crises começaram se agravar, principalmente em abril, mal conseguíamos ir à sala de artes para executar atividade, pois o Pedro sempre exigia minha atenção particular, e como a professora estava grávida ficava restrita para realizar alguns movimentos que eu deveria realizar.

Durante as brincadeiras simbólicas livres, as crianças, que no começo realizavam juntas as fantasias, começaram a regredir, quase não brincavam mais juntas e os conflitos de brinquedos começaram a se intensificar, deixo claro que essa situação já havia sido eliminada da rotina desde o ano anterior, quando todos dividiam, sem brigas, os materiais.

Quando a coordenadora entrava em sala de aula, assustava os pequenos, que ficavam calados e olhando com olhos arregalados, observando-a fazer uma intervenção com o Pedro. Toda vez era sempre igual a reação.

Uma vez, quando ela o segurou durante a realização da roda da boa tarde, o menino se debateu durante trinta minutos. Fez suas necessidades no colo dela e mesmo assim ela não o soltou. Nesse dia me lembro perfeitamente que muitas crianças choraram. Eu mesma saí de sala, pois não agüentei ver essa situação maldosa.

No começo do ano, na verdade no primeiro mês acreditamos que teríamos um ano letivo cheio de novas possibilidades, pois como as crianças já estavam inseridas nesse universo escolar desde o ano anterior, as crianças novas trariam uma movimentação positiva e rica para eles.

Sem dúvida, tivemos uma movimentação, mas infelizmente não conseguimos dar conta das conseqüências geradas pelos atos do Pedro e até mesmo de nós professoras e acredito que isso prejudicou muito o grupo.

A rotina escolar planejada para o primeiro semestre, não pode ser vivenciada em sua totalidade e foi muito conturbada, não soubemos conduzir os desafios, como professoras, e não obtivemos o apoio correto para enfrentar os problemas, pois as orientações recebidas somente intensificaram as situações que gostaríamos de eliminar.

Ao mesmo tempo, toda a situação gerada foi estimulante para reavaliar as ações pessoais e profissionais. Incorporei a reflexão docente para minha rotina semanal. Avaliando não só as propostas educacionais, como também minha postura diante dos alunos.

## **CAPÍTULO IX – MINHAS REFLEXÕES.**

Por diversas vezes, ao longo deste semestre cheguei a questionar sobre minha decisão de carreira, me senti inútil e incapacitada. Quanto mais me distanciava do objetivo unificar o grupo, mais frustrada ficava.

Considerando minha busca pela espiritualidade, durante esse desafio, foi difícil olhar para o Pedro como um instrumento que veio para me tirar da zona de conforto. Mas quando finalmente consegui colocar em prática todos os estudos que me submeti anos anteriores, onde fiz o exercício de enxergar o ser humano possuído de potencialidades que deveriam ser despertadas, consegui me acalmar e mostrar o meu potencial como educadora ao interagir com o pequeno.

Muitas vezes fiquei irritada, cansada e desestimulada, confesso que quando deixava esses sentimentos transparecerem em minha postura dentro de sala de aula, a rotina do dia parecia ser mais difícil ainda que o normal.

Quando as crises do Pedro tornaram-se freqüentes fiquei muito assustada, não sabia se conseguiria ajudá-lo e esse sentimento causou muito conflito interno, pois ao mesmo tempo em que queria agir, me sentia reprimida e insegura e acabava não fazendo nada.

Senti falta de orientação das minhas superiores e quando estas fizeram algumas abordagens que acreditavam serem eficazes, me senti mal por não concordar com elas e mais revoltada ainda por não conseguir expor minha opinião sobre o caso.

Algo que me chamou muita atenção ao longo desse processo que fui inserida foi a minha capacidade de afetar e influenciar meus alunos mesmo quando não haja esta intenção. Relatos dos pais que observaram em casa a postura de seus filhos me remetiam a

situações que eu ou a outra professora executávamos sem querer, por impulso, dentro da sala de aula.

Sempre me considerei uma pessoa equilibrada emocionalmente e bem disposta para realizar as coisas que amo e que acredito, como ser educadora, por exemplo. Mas foi preciso um fator externo ser complexo o bastante para me fazer refletir sobre o que eu acreditava e o que eu praticava em termos de educar um ser humano.

A partir de então, tive que tomar a decisão entre ser pragmática durante minhas ações diárias ou continuar na hipocrisia que estava vivenciando. E felizmente decidi lembrar todas as minhas experiências anteriores que me levaram onde estava e ficou claro que era preciso que eu mudasse de postura de uma vez por todas.

O Pedro realmente transformou meu mundo profissional e sou muito grata pela oportunidade que tive de tê-lo em minha vida durante cinco meses. Fiquei muito triste quando soube que ele sairia da escola, pois justamente, quando havíamos conseguido nos aproximar dele e abordá-lo de forma eficaz e carinhosa, tivemos que deixá-lo ir.

No começo essa idéia me frustrou um pouco também, mas depois pude entender que nossa missão com ele havia chegado ao fim e que era a hora dele seguir em frente, pois sabíamos que tudo o que ele agregou ficaria marcado para sempre em nossa trajetória como educadoras.

Observar a mudança do grupo nesse curto período foi incrivelmente estimulante, tanto quanto as coisas negativas, quanto as positivas, foram experiências enriquecedoras para mim.

Pude verificar o poder que as pessoas exercem umas sob as outras, pude verificar também como as pessoas se encontram na vida para agregar umas as outras e mesmo

inserida em um universo infantil, verifiquei que nós seres humanos somos sensíveis e altamente influenciáveis.

A afetividade para mim ficou como o pilar mais necessário para a execução de boas relações e por fim para a construção de uma Cultura de Paz dentro do ambiente em que estamos inseridos.

Sem amor, sem preocupação e cuidado, não há formas de abordar o outro e, portanto, não conseguiremos exercer o papel de educadoras que transformas a vida de seus alunos.

As dificuldades surgidas serviram também para aproximar a professora Lucia e eu, que apesar de estarmos trabalhando em equipe, mantínhamos uma relação superficial e restritamente profissional. A partir do momento em que ultrapassamos essas condições entramos em sintonia e conseguimos modificar o ambiente.

## **CAPÍTULO X - MINHA FORMAÇÃO ESPIRITUAL EM PRÁTICA.**

Com toda esta experiência vivida durante o primeiro semestre de 2010, percebo hoje como foi importante a minha prática espiritual iniciada ainda pequena. Percebo ainda que graças às orientações recebidas da minha mãe e lições aprendidas quando estudei a fundo o possível significado para a existência do ser humano foi que consegui me mobilizar em prol de uma mudança interna que resultou em uma transformação do ambiente no qual estive inserida.

Todos os valores adquiridos com os anos de estudo e aprimoramento pessoal serviram para gerar um conflito interno entre o que eu acreditava e o que eu praticava, a partir de então os sentimentos e dúvidas sobre o meu caráter e personalidade começaram a fluir.

Quando tais emoções ficaram insuportáveis e despertaram em mim crises de choro e impotência, lembrei de algo que aprendi durante minha busca pelo desenvolvimento pessoal: tudo depende da forma como eu encaro a vida, pois eu sou capaz de transformar e criar aquilo que almejo. Basta olhar para dentro de mim e adquirir forças para executar. Eu sou capaz. Caso eu não faça esse movimento interno, nada do que quero vai acontecer.

Essa reflexão me despertou e tomei coragem para sair dessa vibração negativa em que eu estava. Consegui expressar e colocar em prática o que considero ser fundamental para a formação e desenvolvimento do ser humano: o amor incondicional.

Somente dando o amor é que é possível atingir o outro e criar um ambiente propício para o bom relacionamento entre os seres. E assim, eu fiz. Eu me permitiu amar o Pedro e

doar o que eu tinha de melhor. Com a decisão tomada consegui atingi-lo e juntos crescemos e melhoramos o nosso comportamento.

## CAPÍTULO XI - ENTREVISTAS

Esta entrevista aconteceu antes do fechamento do semestre e serviu de base para a análise sobre o comportamento efetuado por mim e pela outra professora.

Quando decidi que o Pedro seria meu objeto de estudo percebi que antes era preciso aprofundar o entendimento sobre espiritualidade e partir daí traçar uma linha de raciocínio que justificasse o surgimento de sentimentos tão conflituosos por minha parte.

Afinal, essa é a teoria que acredito. Precisava tê-la concretizada em papel para lembrar-me diariamente quem eu acreditava que era e como eu deveria mudar para ser essa pessoa que disse ser.

### **1- O que vocês entendem por Espiritualidade?**

**Resposta Lucia** – Conhecimento religioso que dever ser praticado no dia a dia.

**Resposta Duda** – Aprimoramento do autoconhecimento, âmbito capaz de ampliar meu repertório de vida e visão sob os seres humanos.

### **2- O que vocês acreditam que esse conceito agrega na vida profissional?**

**Resposta Lucia** - Durante as aulas podemos passar valores que acreditamos para os alunos e isso faz com que eles se conscientizem mais sobre como devemos agir frente à vida.

**Resposta Duda** – À medida que vou me conhecendo mais, maior é o meu domínio sobre meus sentimentos e atitudes e desta forma consigo controlar mais os meus impulsos e na prática pedagógica isso faz a diferença já que as crianças também absorvem o que não é somente planejado.

### **3- Vocês acham que é possível conciliar a teoria dita agora com a prática?**

**Resposta Lucia** – Às vezes, é preciso treinar bastante. O dia a dia acaba enlouquecendo a gente. Sempre haverá a distancia entre o real e o ideal.

**Resposta Duda** – Às vezes. É preciso ter intrínseco o ideal dentro de nós, para podermos externalizá-lo. Se nos colocamos disponíveis para aprimorar, conseguimos ir além do que acreditamos.

## **CAPÍTULO XII – CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

### **SOBRE A VIVÊNCIA RELATADA.**

O presente trabalho mostrou como nós professores somos agentes influenciadores durante a nossa rotina de trabalho, mesmo quando não temos a intenção de transmitir saberes ou conhecimentos programados.

Todo o nosso comportamento é absorvido pelos pequenos que observam atentamente nossa postura durante o período que estão sob nossa responsabilidade, muitas vezes reproduzindo-os fora do ambiente escolar.

Somente o autoconhecimento e a prática da reflexão, do educador, são capazes de favorecer a consciência sobre seus próprios atos. Nesse sentido à medida que essas práticas tornam-se freqüentes, é gerada uma sintonia maior dentro de sala de aula, pois a impulsividade comportamental do professor passa a ser melhor controlada facilitando a relação educando - educador.

Durante esta experiência pude entender melhor o que é educar e, para mim, este ato revelou-se como o ato de doar-se. Ficou claro nesse processo que ninguém doa o que não possui e sabe o que tem e, por isso, mais uma vez a necessidade de autoconhecimento é destacada aqui nesta pesquisa.

É preciso saber suas dificuldades e facilidades para aprimorar e conseguir evoluir como ser humano. O reflexo desse crescimento será sentido na prática.

Entendendo a pratica Espiritual como um conjunto de conteúdos responsáveis para dar sentido existencial e unidade à vida, sendo também um processo de reflexão e expressão do individuo e provida de aspectos práticos e concretos, conluo que ao ser

considerado pelo educador como um aspecto importante para sua identidade profissional, este facilita as abordagens e atitudes promovidas por ele durante suas ações educativas.

Sendo assim, a construção de uma relação verdadeira e baseada no amor incondicional, acaba sendo possível, pois o educador mostra-se capaz de transformar os indivíduos e o ambiente por meio de sua postura diante a vida em prol de uma cultura de paz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTO, Ruy Cezar do Espírito. *O Renascimento do Sagrado na Educação*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ.

CAÑETE, Ingrid. *Crianças Índigo, a evolução do ser humano*. Ed. Novo Século. Osasco, SP, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Ed. Cortez. São Paulo, 1993.

MIGUEZ, Eloisa Marques. A imprescindível tarefa da educação. *Revista Brasileira de Logoterapia*. São Paulo, Brasil. Sociedade Brasileira de Logoterapia. Ano 2, nº3, 52p, Maio, 1998.

MASSIMI, Marina (Org.); MAHFOUD, Miguel (Org.). *Diante do Mistério*. Ed. Loyola.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. *A construção da solidariedade e a educação do sentimento na escola*. Ed. Mercado das letras. Campinas, 2004.